



VIESES DE ENSINO E CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO

Juliano de Siqueira Venturini*

Resumo: Este artigo tem a finalidade de analisar como a maiêutica de Sócrates pode contribuir com a educação e também com o ensino em sala de aula e, sobretudo na formação do indivíduo, já a segunda parte se desenvolvera sobre a arte de ler de Mortimer Adler que se debruça sobre o tema leitura e elaboram as duas concepções de professores, os professores vivos e os professores mortos e também comentará sobre a falência das escolas. Esses temas e assuntos atuais podem ajudar a refletir e aprender sobre novos vieses e contribuições para a educação, tendo como aporte dois autores de cunho filosóficos, com pontos em comum entre Sócrates, pensador antigo e de Adler, contemporâneo.

Palavras-chave: Maiêutica. Educação. Ensino. Professor.

Considerações iniciais

Desde a Grécia antiga com Sócrates e predecessores e sucessores, se debruçaram sobre a questão do ensinar e do educar. Dado que a educação, e, ensino é um tema atual, por isso para entender melhor o artigo se pautara em dois autores, Sócrates da Grécia antiga e Mortimer Adler, autor contemporâneo.

Sabe-se que a educação está defasada, infelizmente, e também na atualidade há um desinteresse pelo estudo, desde a alunos a professores, por isso que as visões de Sócrates e Adler busca que cada um tome a consciência e se dedique na busca do conhecer e se conhecer, como veremos mais adiante. Esse tema e assunto têm por objetivo ampliar nossa visão sobre o assunto e despertar o ânimo para o saber.

*Acadêmico do V semestre do curso de Filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS. E-mail: juliano-venturini@hotmail.com.

1 A Maiêutica como um processo Educacional

Nascido em Atenas por volta de 470 A.C., Sócrates era filho de pai escultor e de mãe parteira, era um homem que chamava muita atenção por sua inteligência, sempre meditando e ajudando seus discípulos a ir em busca da verdade. Sócrates acompanhando o trabalho de sua mãe parteira, elaborou um método que ele chamou de maiêutica que significa “dar à luz” ou “parir conhecimento”, onde o papel do educador deve ser comparado a um parteiro. Sócrates com seu método de diálogo buscava que o educando por suas próprias concepções e opiniões chegassem a verdade e vinha conhecer a si mesmo, o que para Sócrates era fundamental.

Na sua visão, Sócrates não buscava produzir conhecimento, mas fazer com que através do orientador o orientando chegasse ao conhecimento, porque na sua visão as pessoas carregam o conhecimento e não sabem. Nessa perspectiva o orientador ou aquele que conduz o diálogo deve fazer com que as opiniões do orientando cheguem através de refutações e perguntas ao conhecimento. Desse modo seria uma complementação da maiêutica que busca perguntar, questionar e refutar as respostas, fazendo que abra um leque de possibilidades e visões para que o educando não fique alienado, recebendo conhecimento pronto. Ao invés disso, através de seus métodos fazer com que o próprio aluno chegue ao ápice do conhecimento pela maiêutica, fato bem difícil, daí a comparação de Sócrates com o ato de parir, pois buscar o conhecimento e romper conceitos é dolorido.

Na obra a República de Platão, em alusão a Sócrates elaborou o mito da caverna, mito esse que conta que os prisioneiros dentro da caverna, ficavam admirando a parede que atrás tinha uma fogueira e por haver um muro viam somente as sombras do objeto do outro lado, ou seja, não viam o próprio objeto e sim a sombra. Dessa forma, quando um conseguiu pular o muro, se encantou com a realidade e viu que não via mais o reflexo e as sombras, mas o próprio objeto e depois de contemplar, resolveu voltar e contar tudo isso aos que não conseguiam ver além das sombras o que não foi aceito, sendo chamado de louco, vítima de zombarias e sendo até mesmo ameaçado de morte.

E com essa alusão a Sócrates, busca nos instigar a sairmos das cavernas tanto impostas como das cavernas criadas pelo próprio indivíduo. Nesse caso, o papel do professor tem esse caráter de pular os muros e fazer com que os discípulos ou os alunos reflitam e queiram sair da caverna ou seja buscar ver mais o real e menos as sombras. Desde a antiguidade e na contemporaneidade há sempre a figura do professor que é alguém que nos livra das cavernas, e com isso podemos cada vez mais nos conhecer e vivenciar a célebre frase de Sócrates “só sei

que nada sei”, ou seja tomar consciência que sempre estamos aprendendo passivamente. No entanto, o mais importante é ser o ativo do processo, gerando autonomia.

É preciso criar estratégias inovadoras de ensino, e isso não se refere unicamente ao uso de novas tecnologias. Inovar usando velhos recursos — incluindo os tradicionais, mas nunca ultrapassados, livros, canetas e papéis — é possível e deve ser tentado. A criatividade pode colorir a escola e dar significado ao ensino-aprendizado através de projetos diferentes, interdisciplinaridade e aulas mais dinâmicas e interativas.

Com o passar do tempo, e avanços tecnológicos, facilitaram muito para a educação e métodos educacionais. Atualmente há vários métodos para dar aulas e ensinar, desde materiais escritos até audiovisuais, e desde a antiguidade sempre houve preocupação para transmitir conhecimento. Sócrates deixou uma imensa contribuição nesse sentido. Na atualidade os alunos por querem cada vez mais métodos que atraíam.

O fato é que, na contemporaneidade, muitos estudantes vão para a escola porque isso simplesmente faz parte de suas rotinas ou porque os pais os obrigam. A escola atual só vai se tornar de fato enriquecedora, indispensável e transformadora quando ela estiver repleta de alunos motivados e engajados, que saibam o que estão buscando no ambiente escolar. Ao mesmo tempo com suas realidades pessoais, que muitas vezes por problemas pessoais prejudicam o aprendizado e o aluno é inserido na sala de aula busca no professor a figura paterna que não encontra na família e com isso muitos alunos têm a necessidade de serem ouvidos e o método socrático contribui muito para que quando solicitada alguma resposta não responda igual ao professor mas que a resposta saia da sua própria capacidade de elaboração tentando o empoderamento e conhecimento de si mesmo.

Mais do que transmitir informações, muitas vezes o professor acaba sendo um confidente de seus alunos, pois, em uma sociedade cada vez mais ativista, no qual alguns pais não generalizando, obviamente – passam horas trabalhando, ou se dedicando a suas atividades pessoais, esquecendo-se que possuem a responsabilidade de educar seus filhos e, no final das contas, acabam “jogando” essa responsabilidade para os professores.

Ao trabalhar o tema família em sala de aula, por exemplo, é preferível conhecer a realidade antes de entrar no conteúdo para que conheça escute diferentes trajetórias e opiniões. Muitas vezes o aluno não tem pai, ou são separados e com isso o professor tem mais segurança ao trabalhar conteúdo sem constranger, valorizando a opinião e a individualidade de todos de forma que se sintam acolhidos, respeitados fazendo com que a aula flua de forma dinâmica.

Uma da maneira de fazer isso, segundo estudiosos da educação, é oferecer um ensino contextualizado, com elementos que façam parte da vida do estudante e conteúdos que claramente façam sentido para eles. Trata-se de tornar a disciplina aplicável em situações reais.

Os tempos mudaram, e, com isso, as exigências educacionais do mundo também. A escola de hoje não é nem deve ser a mesma de há alguns anos, mas, para tal, é preciso enfrentar alguns desafios de criar alunos críticos e bem posicionados. As velhas práticas, ferramentas ultrapassadas e metodologias retrógradas já não são suficientes para suprir as necessidades do atual cenário educacional. É preciso considerar que as informações se tornaram mais rápidas e acessíveis, os estudantes estão cada vez mais autônomos e conectados e as novas tecnologias e mídias sociais estão revolucionando a forma de ensinar e aprender.

Tudo isso requer uma escola que comporte o perfil contemporâneo de aprendizado e ajude a vencer todos os desafios que a educação moderna impõe, fazendo com que os alunos transponham os muros e vejam além das sombras.

Na obra Eutífron de Sócrates encontra-se a seguinte passagem no diálogo, mostrando a importância do ensino:

Sócrates – Mas rirem-se talvez não tenha importância, Êtífron amigo. Os Atenienses, pelo que me parece, não se preocupam muito com alguém que pensem ser hábil, contanto que não esteja a ensinar sua sabedoria. Mas, se pensam que faz os outros como ele, irritam-se, seja por inveja, como tu dizes, seja por qualquer outra razão. Êtífron – Não tenho grande desejo de experimentar o que contra mim tenham nesta matéria. Sócrates – Talvez julguem que te fazes caro, ao recusares-te a ensinar a tua sabedoria. Mas, pelo meu lado, temo que lhes pareça que, por filantropia, eu seja capaz de falar copiosamente a qualquer homem, não só sem qualquer salário, mas até pagando eu de boa vontade se alguém quiser ouvir-me. Se, pois, quiserem rir de mim, como eu há pouco dizia e como tu dizes que se riem de ti, não seria desagradável passar o tempo no tribunal, rindo e gracejando. Mas, se levarem à coisa a sério, é imprevisível o que venha a acontecer, exceto para vós, os divinos. Êtífron – Mas não há de ser nada, Sócrates. Combate tu a tua causa, como pensas ser o melhor, que eu combaterei a minha (EUTIFRON, p. 36,37).

Como se vê neste trecho do diálogo de Sócrates com o eutífron, mostra-se a figura do mestre, como alguém que sabe instigar o discípulo sem pensar em ganhar algo em troca. Como vemos nos diálogos Sócrates se coloca também como discípulo, ou seja, ensinando o discípulo acontece uma troca de saberes entre o mestre e discípulo. Ensinar é aprender.

Os alunos desde pequenos devem ser instigados a pensar, o professor através de elementos e perguntas e refutações provoca a prática filosófica no aluno, formando mentes abertas para o saber, gerando um espírito investigativo para que não fiquem seguindo as opiniões sem refletir e questionar. Evidentemente que aquele que conduz o deve estar preparado para ajudar o aluno a conhecer a si mesmo, tarefa difícil, mas necessária, e quando conseguimos através da maiêutica produzir alunos e pessoas pensantes conduzidas por grandes mestres a vida do indivíduo melhora.

Para que isto ocorra o professor deve, em primeiro lugar, gostar e acreditar naquilo que faz, ou seja, através de seus atos e ações ele servirá de modelo para seus alunos; se ele ensina a refletir e sempre refletindo suas práticas ensinando a respeitar o próximo e valorizando as diferenças. Deste modo ele está sendo uma prova viva daquilo que está ensinando, pois trabalha com seres humanos que estão sendo moldados por ele.

Sendo assim, devemos instruir bem nossos mestres para provocar a vontade de conhecer dos alunos e pelo método socrático formam seres pensantes que vivem por si só e descobrem em si mesmos potencialidades e capacidades, caminhando com as próprias pernas como ocorreu na obra os mundos de Sofia. Como ilustração apresenta-se uma pequena parte da obra que se depreende da personagem Sofia, que ao receber um envelope com a pergunta “ quem é você? ” A partir disso, ela começou a refletir, buscando descobrir-se. Nesse paradigma, encontramos a maiêutica de Sócrates onde uma simples pergunta fez com que Sofia ficasse o dia inteiro se perguntando e logo recebeu outra pergunta “ de onde vem o mundo? ”. Essas, perguntas fizeram com que Sofia se encantasse pelo saber e tentasse encontrar possíveis respostas, o que gerou inquietação e com isso a busca pelo saber e pelo descobrir-se.

2 A relação da maiêutica de Sócrates com a teoria de Adler

O ponto que liga Sócrates com o Adler é o aluno que é colocado como protagonista e o professor ou o mestre como coadjuvante, aquele que dá suporte e auxilia o aluno ao saber, respeitando suas particularidades. Sócrates usa o método da maiêutica como explicado anteriormente para que o aluno possa descobrir e descobrir-se. Já Adler vê a importância dos professores vivos e mortos, sendo que o professor vivo auxilia, aconselha e ensina e estimula o aluno, para descobrir e aprender pela leitura. Nessa dualidade a figura de ambos tanto de aluno como de professor são de protagonistas, como se apresenta no próximo capítulo, onde o

mestre aparece depois do aluno. Essa ordem torna-se fundamental, pois é através dele que se pode evitar o fenômeno chamado por Adler de “falência das escolas”. Por isso deve-se criar e se habituar-se a leitura, para que o aluno saia da caverna e vá para a cozinha do saber.

3 Adler e a Importância da leitura

Mortimer Adler nasceu em Nova Iorque em 28 de dezembro de 1902 e faleceu 28 de junho de 2001. De família judia, Adler também promoveu a ideia de que a filosofia deveria ser integrada com a ciência, a literatura e a religião. Em 2000, Adler converteu-se ao Catolicismo Romano e foi batizado, onde teve contato com obras filosóficas como as de Aristóteles e Platão, além de ter escrito muitos livros como: A arte de ler, Aristóteles para todos, como provar que Deus existe, e muitas outras obras publicadas, tanto que uma universidade o recompensou com um doutorado honorário pela qualidade de sua escrita.

Falar de educação ou ensino é um pressuposto para o aprendizado e para Adler a leitura entra como um processo, para que aprendamos com os outros. E essa instrução faz com que aprendamos por conta própria sobre vários assuntos facilitando a observação e a reflexão. Dessa forma, o autor o indivíduo terá duas possibilidades, descobrir as coisas por outro ou descobrir por conta própria.

Adler tem uma visão da educação e do ensinar que vai além da sua época de vida, ilustrando essa visão no livro. Segundo ele:

A menos que a arte de ler seja cultivada, como ela não o é na educação americana de hoje, o uso de livros deve se reduzir cada vez mais. Podemos continuar a adquirir algum conhecimento, falando à natureza, pois ela responde sempre, – mas não adianta que nossos antecessores nos dirijam a palavra, se não sabemos ouvi-los. Vocês podem dizer que não há quase diferença entre ler livros e ler a natureza. Mas lembrem-se que os fenômenos naturais não são símbolos de alguma coisa transmitida por outra mente humana. E as palavras que lemos e ouvimos são. E lembrem-se também que, quando procuramos aprender diretamente com a natureza, nossa finalidade última é compreender o mundo em que vivemos. Ao contrário do que fazemos com os livros, não concordamos, nem discordamos da natureza. Nossa finalidade última é a mesma, quando procuramos aprender com os livros. Mas, neste caso, temos que ter certeza, primeiro, de que compreendemos o que o livro está dizendo. Só então podemos resolver se concordamos ou não com seu autor. O processo de compreender diretamente a natureza é diferente do de chegar a compreendê-la através da interpretação de um livro. A faculdade crítica só precisa ser empregada no último caso (ADLER, p. 44).

Como vimos além de relatar as dificuldades e realidades de sua época, apresenta o grande problema que ainda assola a educação, a falta de interesse pela leitura por parte dos alunos. Apesar de ele referir-se ao público americano, sua teoria, visões e relatos de falhas na educação, fazem com que esse tema tenha se expandido pelo mundo, refletindo-se no aprendizado em decorrência de uma série de fatores. Por um lado, questões relacionadas à dificuldade dos próprios alunos, mas, por outro lado, pela falta de condição, preparo e formação do professor para fazer frente às necessidades dos alunos, estimulando-os a ler. Há uma defasagem enorme com relação ao interesse do aluno pela leitura, prejudicando o aprender. É uma abordagem atual no que se refere à educação, e que para Adler é de suma importância à faculdade crítica despertada pela leitura.

Para Adler existem dois tipos de professores, os professores vivos que são aqueles que ensinam e tem vida, que falam ,ouvem e transmitem, ou seja, um professor humano. E OS professores mortos, que seriam os livros, os quais não falam e também não tem a capacidade de ouvir, mas transmitem conhecimento. Na obra a arte de ler destaca as seguintes funções do professor vivo:

Qual é o papel do professor-vivo em nossa educação? Ele nos ajuda a adquirir certas habilidades: a fazer cata-ventos no jardim da infância, a formar e reconhecer as letras no curso primário, a soletrar e pronunciar, a somar e dividir, a cozinhar, a coser, a fazer serviços de carpintaria. Um professor-vivo pode nos auxiliares na aquisição de qualquer arte, mesmo das artes do aprendizado, como a pesquisa experimental ou a leitura (ADLER, p. 47).

Como vimos o professor vivo tem um papel fundamental na vida do indivíduo que está buscando o conhecimento. Ele seria aquele que busca ajudar para que o aluno possa desenvolver suas as habilidades, conhecimento além do teórico. Compara o ato de ensinar com o de cozinhar, pois ambos exigem dedicação e envolvimento. Ensina também criar seus ingredientes, ou seja, não só cozinhar no sentido físico, mas metaforicamente no campo do intelecto ou da sabedoria e do ensinamento. Esse que não ocorre nas escolas, muito menos serviços de carpintaria, como o autor defende. Outro ponto fundamental, é que o professor vivo estimule qualquer tipo de conhecimento, principalmente a leitura. O autor corrobora ainda, enfatizando que o professor vivo é útil porque pode aconselhar e frear impulsos e que apesar do livro denominado professor morto também ter sua grande importância, o professor vivo é mais útil e presente do que o professor morto.

Segundo o autor, há sempre uma competição entre professor vivo e professor morto, porque o professor vivo aprende com os professores mortos para que depois possa ensinar os alunos. Ele deve instigar para que também descubram a leitura os professores mortos. Para o autor o mesmo conhecimento do professor vivo adquirido pelo professor morto sugere sempre uma competição relacionada, e que o professor morto tem um papel fundamental que é informar e dar aporte ao professor vivo.

Adler dá uma grande explicação no que se refere na questão da aprendizagem:

Na história da educação, os homens sempre fizeram distinção e entre a instrução e a descoberta, como fontes de conhecimentos. A instrução ocorre quando um homem ensina a outro, mediante a fala ou a escrita. Podemos, no entanto, adquirir conhecimento, sem que ninguém nos ensine. Se não fosse assim, e se cada professor tivesse um mestre naquilo que, por sua vez, ensina a outros, nunca se teria começado a adquirir conhecimento. Daí a descoberta – processo de aprender graças à pesquisa, à investigação, ao raciocínio, sem mestre de espécie alguma (ADLER, p.41)

Para Adler é de suma importância à leitura, pois ela faz com que o aluno aprenda a falar e argumentar, aprendendo também a portar-se diante da realidade, contribuindo muito para o emprego futuro. Defende também que quando o aluno não é estimulado nas escolas a desenvolver a prática da leitura, não tem o interesse pelo saber através da mesma, ocorrendo o fenômeno chamado “ a falência das escolas”, por não ter despertado a vontade e o hábito de ler. Esse fato prejudica principalmente o indivíduo que não tem nenhum interesse por qualquer tipo de leitura, segundo ao autor relata descasos pelo professor morto. Outro ponto da sua visão é:

Ser dócil é ser maleável. E, para isso, a pessoa tem de possuir a arte de aprender e praticá-la ativamente. Quanto mais ativa é uma pessoa ao aprender com um professor, morto ou vivo, e quanto mais arte utiliza quem ensina, tanto mais dócil é essa pessoa. A docilidade, em suma, é o posto de passividade e credulidade. Aqueles que perdem a docilidade – os alunos que dormem durante as aulas – são os mais fáceis de serem doutrinados. Perdendo a arte de aprender, seja ela habilidade de ouvir ou ler, não sabem como ser ativos, ao receber o que lhes é comunicado. Daí, ou eles não recebem nada, absolutamente, ou o que recebem, absorvem sem criticar (ADLER, p. 84.)

Percebe-se que o autor defende que o aluno deve ter a capacidade de cuidar-se para que não seja doutrinado e faz um alerta para que o aluno não perca a capacidade de aprender. Refere-se ainda ao não desenvolvimento do espírito de passividade, sendo ativos nesse

processo de aprendizado, ou seja, o professor deve auxiliar para que o aluno caminhe com suas próprias pernas, que não aconteça doutrinação e muito menos que perca a vontade e a capacidade de criticar, ocorrendo assim uma passagem do seu passivo para o seu ativo, permanecendo acordado não só literalmente, mas figuradamente.

Considerações finais

Como vimos, os autores, salientam a importância de nós questionarmos e sermos questionados e que tanto Sócrates como Adler veem o aluno ou o educando como peça principal no processo onde o professor é o mediador no processo de busca pelo conhecimento. É através dos estímulos que o aluno formula e desenvolve sua capacidade reflexiva e crítica. Apresenta-se uma análise sobre questões a serem consideradas acerca dos caminhos para formar cidadãos conscientes, com capacidade de pensar por si mesmos e elaborar sua própria impressão sobre o mundo.

Verifica-se também que o professor contribui muito para a filosofia porque atua como facilitador e possibilita o desenvolvimento de seres pensantes e filosóficos. Com isso damos vida à educação e, sobretudo vivacidade escolar onde não há falência nas escolas, realizando assim a vontade de Sócrates de que todos cheguem ao conhecimento de si próprios. Para que sejamos seres habilidosos e de capacidades como Adler propõe, torna-se necessário que o aluno possa preparar os ingredientes da sua cozinha, produzindo um prato da sabedoria. Com a breve citação da obra o mundo de Sofia, sugere-se que crianças e alunos possam cada vez mais ser desafiados pelo saber. O ponto interessante de Sócrates, é que o mestre não deve comercializar o ensino como se percebe na obra eutifron, e, que tanto para Sócrates como para Adler, o mestre ensina e também aprende. Com isso temos a visão socrática de que o discípulo pode superar o mestre, saindo da caverna. O aluno é a terra, onde o professor semeia suas sementes para que se produzam frutos. A relação professor/aluno deve ser cultivada a cada dia, pois um depende do outro e assim os dois crescem e caminham juntos. E é nessa relação madura que o professor deve ensinar que a aprendizagem não ocorre somente em sala de aula, mas sim todos os dias.

Referências

ADLER, MORTIMER J. **A arte de ler: como adquirir uma educação liberal**. Rio de Janeiro: agir, 1947.304p.

GAARDER, JOSTEIN. **O mundo de Sofia**. Romance da história da filosofia. São Paulo: companhia das letras, 1995. 555p.

PLATÃO. **Diálogos**. Eutífron ou da religiosidade. Apologia de Sócrates. Críton ou o dever. Fédon ou da alma. São Paulo: Nova cultural, 1996.191p (**Os pensadores**).

PLATÃO. **A república**. São Paulo: Atena.1956.457p.